

(RE)EXISTÊNCIAS CINECLUBISTAS NA BAIXADA FLUMINENSE: POSSIBILIDADES DE UMA ABORDAGEM CARTOGRÁFICA

Adriana Carneiro de Souza¹
Beatriz Akemi Takeiti²

Resumo: O presente trabalho pretende debater aspectos teórico-metodológicos utilizados em pesquisa acerca do impacto da prática coletiva na produção de subjetividades em sujeitos que atuam nos cineclubes Buraco do Getúlio, na cidade de Nova Iguaçu, e Mate Com Angu na cidade de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. A pesquisa, ainda fase inicial de desenvolvimento, possui abordagem qualitativa e caráter exploratório, será amparada sobre o método cartográfico e utilizará entrevistas biográficas para a coleta de dados. O corpo teórico-metodológico apoia-se sobre as noções de sujeito e subjetividade propostas por Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault, a noção de implicação proposta por René Lourau e território a partir de Henri Lefebvre. O território da Baixada Fluminense será compreendido como paisagem histórica, social e simbólica, sobre a qual territórios existenciais são criadas a partir da coletivização desses sujeitos.

Palavras-chave: Cineclubes; Baixada Fluminense; subjetividade; cartografia, Psicossociologia.

Introdução

Como a prática coletiva se inscreve na narrativa identitária dos sujeitos que performam cineclubes na Baixada Fluminense? Quem são esses sujeitos? Por que essas pessoas se coletivizam?

A pesquisa, de abordagem qualitativa de caráter exploratório e cartográfico, ainda em fase inicial de desenvolvimento, têm por objetivo investigar o impacto da prática de coletivização na constituição e/ou afirmação de discursos dos sujeitos, a partir da psicossociologia. Para isso, realizaremos entrevistas biográficas com fundadores e participantes dos coletivos o Cineclube Mate com Angu, fundado em 2002 no

¹ Mestranda do curso de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ, especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ e graduada em Estudos de Mídia pela Universidade Federal Fluminense - UFF.

² Doutora e Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS da Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ.

município de Duque de Caxias e o Cineclubes Buraco do Getúlio, fundado em 2006 na cidade de Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro.

As entrevistas de caráter biográfico serão chamadas de “narrativas de si”, ou seja, que são a forma como os sujeitos narram a si mesmos a partir das implicações decorrentes da participação em práticas coletivas. Dentre tais práticas, podemos incluir encontros, reuniões, modos de tomada de decisão, premissas compartilhadas, modos de gestão e práticas discursivas internas dos coletivos e outros processos que culminam em ações coletivas organizadas, tais como cineclubes.

Localizaremos nossa questão central sobre o tema da subjetivação da prática coletiva e constituição de enunciados, sejam estes identitários, territoriais ou sociais. Pretendemos investigar a possibilidade destes enunciados surgirem a partir de processos de subjetivação da prática coletiva em sujeitos que atuam em coletivos estético-artísticos na Baixada Fluminense, tais como processos relacionados ao exercício da alteridade dentro do âmbito coletivo.

Desta forma, este projeto tem por objetivo identificar o impacto subjetivo da coletivização a partir da constituição e/ou reafirmação de discursos identitários em sujeitos que atuam em coletivos estético-artísticos em Duque de Caxias e Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense.

Discussão

No Brasil, a atividade cineclubista se apresenta como um movimento cultural organizado com forte presença em diferentes épocas. O Chaplin Club, fundado em 1928 no Rio de Janeiro, pode ser considerado um marco inicial na trajetória do movimento no Brasil. Com a programação constituída principalmente de filmes da vanguarda francesa de 1920, o grupo tinha como objetivo principal desenvolver “o estudo do cinema como uma arte”³. Nas décadas seguintes, constam notícias da criação de vários outros cineclubes, como como por exemplo, o Clube de Cinema na Faculdade Filosofia da Universidade de São Paulo, fundado em 1940. Com o objetivo de “estudar o cinema como arte independente por meio de projeções, conferências, debates e publicações”, o Clube de Cinema foi obrigado a encerrar as atividades pelo Departamento Estadual de

³ RAMOS, Fernão (Org.). História do Cinema Brasileiro. São Paulo, 1990.

Imprensa e Propaganda – DEIP, durante o Estado Novo no ano seguinte a sua fundação. As atividades, entretanto, continuaram a acontecer clandestinamente com a realização de exposições privadas na casa dos fundadores (SOUZA, 2011).

O aparecimento de atividades cineclubistas resistiu ao crescente recrudescimento da política no Brasil. Muitas foram as formas de existir e diversos os objetivos que os motivaram e mantiveram. Com a promulgação do AI5 em 13 dezembro de 1968, as práticas cineclubistas ficaram mais difíceis de serem exercidas. Entretanto, já início da década de 1970, o cineclubismo estava acontecendo novamente com forte interlocução junto a associações de moradores e igrejas. Durante as décadas de 1980 e 1990, a chegada do home vídeo, a consolidação da televisão como meio de comunicação de massa e a implementação de políticas neoliberais no campo da cultura⁴ podem ter influenciado na redução ainda maior da atividade destes grupos. Assim, o poucos que restaram tiveram que se adaptar a um modelo comercial de funcionamento para manter a sustentabilidade econômica. Nos anos 2000, os cineclubes voltam a se rearticular, através da realização da Jornada de Reorganização do Movimento Cineclubista em Brasília⁵, desta vez com o reconhecimento e o apoio do governo brasileiro⁶.

O Cineclube Mate com Angu nasce em 2002, no município de Duque de Caxias no Rio de Janeiro, com o objetivo de promover sessões de cinema, debates, pesquisas e também produzir filmes. Seus membros à época eram Heraldo HB, Igor Barradas, Fabiana Pimenta, Márcio Bertoni e Antônio Amaral. O Cineclube Mate com Angu realiza atividades de cinema regulares até os dias de hoje⁷. O Cineclube foi um dos dez projetos contemplados com o Prêmio Cultura Nota Dez, em 2005, pela Unesco e pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro (GOUVEIA, 2007). Segundo o texto do próprio coletivo:

Lá no início, nos idos de 2002, o que impulsionava a ideia de montar um cineclube era o prazer de exibir um filme para a galera, juntar gente para dividir um momento legal numa cidade árida

⁴ Em 12 de abril de 1990, o então presidente Fernando Collor de Mello, decretou o rebaixamento do Ministério da Cultura para simples Secretaria da Presidência da República e o fechamento da Empresa Brasileira de Filmes S.A.- Embrafilme, do Conselho Nacional de Cinema - Concine e da Fundação do Cinema Brasileiro - FCB. Esse pacote de medidas impactou diretamente a cadeia audiovisual brasileira.

⁵ Realizado no seio da XXIV Jornada Nacional de Cineclubes, realizada em 2003.

⁶ BOUILLET, Rodrigo. Cineclubismo no Brasil. Breve histórico, recentes conquistas e desafio.

⁷ As atividades presenciais na Sociedade Musical Lira de Ouro, em Duque de Caxias estão suspensas em função da pandemia COVID-19, entretanto as sessões e oficinas de audiovisual estão sendo realizadas em formato on-line.

de de eventos culturais. Mas logo os primeiros tripulantes da nave Mate com Angu começaram a perceber que fazer cineclubismo era um pouco mais que isso: era também uma possibilidade de dizer coisas ao mundo”⁸.

Já o Cineclube Buraco do Getúlio, realizado inicialmente no Bar do Ananias, no Centro de Nova Iguaçu, foi fundado em julho de 2006 por Luana Pinheiro, Diego Bion, Raísa Flor, Fabiano Mixo, Jimmy e Adriana Carneiro. De acordo com Diego Bion:

Eu acho que quando a gente pensou o nome Buraco do Getúlio... eu acho que a gente... nós fomos muito felizes, primeiro que tem uma referência territorial que a gente queria muito que houvesse. (...) E de alguma maneira também, a ideia de buraco é um espaço vazio, que precisa ser preenchido, é um espaço vago, né? É uma ausência, o buraco é onde falta alguma coisa e aí tem alguma ausência aí que precisa ser preenchida. Então a gente também deu muita sorte, nesse sentido, do nome da atividade poder de alguma maneira, contribuir com essa identidade territorial e geográfica que a gente queria⁹.

A reflexão que aparece no texto de abertura do catálogo de 10 anos do Cineclube Mate com Angu e a entrevista de Diego Bion para o grupo de pesquisa Rede Escuta Baixada nos remetem à algumas questões que trataremos nesta pesquisa: quais motivações, lógicas e práticas mantêm unidos esses indivíduos em torno das atividades culturais do coletivo desde sua fundação? A quais anseios estariam esses indivíduos respondendo coletivamente através da prática coletiva? O que os move? O que os une?

Trata-se de lançar um olhar sobre os sujeitos que materializam espaços onde manifestar subjetividades coletivamente e, assim, criar novos territórios existenciais. Utilizando pressupostos teórico-metodológicos propostos pelo método cartográfico, propomos investigar como se dão os processos de produção de subjetividade da prática coletiva em sujeitos participantes de cineclubes, partindo-se da premissa de que as experiências subjetivas individuais podem ser afetadas pela experiência da prática coletiva. Para aprofundar nossa investigação nos apoiaremos teoricamente sobre o debate acerca de sujeito, subjetividade, cineclubes e território.

Metodologia

Para que tal pesquisa seja realizada será fundamental nos apoiar sobre a cartografia e a política da narratividade, uma vez que permitem a análise de processos

⁸ MATE COM ANGU Cineclube. Catálogo 10 anos. SESC, 2012.

⁹ Entrevista Diego Bion. Em Rede Escuta Baixada. Apud Onofre, Leonardo de Freitas, 2016.

coletivos e de construção identitária. Em “*Cartografar é habitar um território existencial*”, Alvarez e Passos (2010) nos apresentam que o ato de produzir conhecimento não pode desprender-se do ato cognitivo, base experiencial da atividade de investigação. O conhecimento, entendido aqui como re-conhecimento de uma determinada realidade, produz-se no processamento da leitura desta realidade. Os objetos vivos, na investigação e pesquisa, merecem do pesquisador a honestidade e reconhecimento de seus afetos, suas transversalidades e seus próprios agenciamentos no contato e na leitura do objeto a ser pesquisado. Segundo os autores, produzir conhecimento pressupõe implicar-se ao mundo, imbricar-se no e pelo processo e assim, ver-se, nele. O problema da implicação do pesquisador traduz “a experiência concreta de habitar um território existencial” (2010. p.131).

A habitação de territórios existenciais prescinde, antes de tudo, da habitação do lugar do aprendiz, no qual afeto, curiosidade e abertura antecedem os encontros e as interpretações deles. Pôr-se no campo de pesquisa e ver-se como composição com este, colocando sua própria subjetividade como elemento do encontro e da construção de tais paisagens. Trata-se de uma busca por uma observação cosmológica do objeto e sua conjugação com os processos históricos e psicossociais pelos quais é e foi perpassado. Tal posicionamento nos exige nunca abandonar o lugar de aprendiz: o lugar de “disponibilidade à experiência” em intenção e atenção. Esta “receptividade afetiva” é a postura de abertura aos acontecimentos, uma abertura afetiva à transversalidade e multiplicidade que o campo de pesquisa propõe (2010. p.137).

Nesta pesquisa, o sujeito pesquisador é superfície de encontros. E como a superfície possui temperatura, textura, capacidade. Para Larrosa, aquele que nada afeta e nada fere, aquele que não é exposto é incapaz de experimentar (2011, p.13). O afeto se faz fundamental para a leitura do mundo: a paixão é vulnerabilidade, sensibilidade e exposição. Observado tais princípios, a prática metodológica foi dividida como a seguir:

Observação participante: A observação participante é uma escolha como método na medida em que permite o acesso e o mapeamento da dinâmica das práticas coletivas que fazem parte desta investigação. Compreendemos que tal escolha nos permitirá a observação da ação dos sujeitos no contexto que nos interessa investigar, a

micropolítica das relações em grupo, as práticas e tecnologias coletivas produzidas e ainda a produção de enunciados coletivos no campo simbólico.

Utilizando o Diário de Campo como ferramenta, participaremos de reuniões e encontros de organização das atividades do Cineclube Buraco do Getúlio e do Cineclube Mate com Angu ao longo do ano de 2021 com o objetivo de mapear as formas de gestão coletiva e tomadas de decisão, os anseios e práticas discursivas coletivas e também de registrar, do ponto de vista da pesquisadora, a sua própria incursão como corpo e subjetividade em um campo de realidade partilhada.

Realização de entrevistas: A realização de entrevistas como dispositivo é um processo dialógico de construção de sentido onde ocorre uma "negociação de pontos de vista e de versões sobre os assuntos e acontecimentos" (AGARAKI; LIMA; PEREIRA; NASCIMENTO, 2014, p. 59) que posiciona os participantes e pesquisadores durante o processo que denominado "interanimação". A entrevista propicia processos de negociação de sentidos pois sua realização "desafia os posicionamentos que vão ocorrendo durante a sua produção" (AGARAKI; LIMA; PEREIRA; NASCIMENTO, 2014, p.58). De acordo com os autores, os indivíduos podem, durante a realização das entrevistas, recorrer à sua memória e suas experiências pessoais e estas podem, no caso das entrevistas biográficas, serem ressignificadas e categorizadas em um processo dialógico no momento das entrevistas. Acreditamos que a partir das entrevistas de caráter biográfico, aqui chamadas de "narrativas de si", será possível observar o impacto da prática coletiva na constituição discursiva desses sujeitos.

Análise dos dados: De acordo com Duarte (2004), há procedimentos importantes a serem observados na preparação das entrevistas para a análise, sejam estas individuais ou grupais, como por exemplo a indicação de que as entrevistas sejam transcritas para o texto imediatamente à sua realização. Em seguida, é necessário realizar a "conferência de fidedignidade", ou seja, será importante conferir a transcrição. Neste momento será possível, por exemplo, trazer precisão quanto aos aspectos não verbais das entrevistas tais como entonação, interrupções, hesitações e outras que talvez não sejam apreendidas na transcrição direta. Além disso, será possível realizar correções necessárias.

Iremos então organizar as entrevistas para que seja possível proceder a “análise de conteúdo temática” propostas por Bardin (2011). A partir da leitura das notas de campo e do material transcrito das entrevistas, será possível estabelecer recortes temáticos que nos auxiliarão na criação de unidades de significação, também chamadas de “categorias”. A análise por unidades de significação deverá ser realizada de maneira detalhista e cuidadosa buscando a articulação dos dados coletados e a “formulação de hipóteses explicativas do problema ou do universo estudado” (DUARTE, 2004, p. 221).

Conclusão

Comprendemos que a combinação da observação participante e realização de entrevistas biográficas podem oferecer, no caso desta pesquisa, um percurso metodológico que favoreça o acesso transversal a este urgente objeto de pesquisa. O debate sobre as experiências coletivas de arte e cultura nas periferias urge, à medida em que se faz necessário pensar os corpos e subjetividades que, na contramão do silenciamento causado pela violência de seus territórios, ainda atuam como terrenos férteis e prenes de futuro. A institucionalização destes saberes através do registro destas narrativas na pesquisa acadêmica salvaguarda os narradores. Proteger os narradores e suas narrativas é uma forma de combater o sistemático epistemicídio ao qual territórios periferizados vem sendo historicamente subordinados.

O sujeito, aqui compreendido nas proposições de Foucault é fruto da subjetivação que se dá nas dobras entre as forças externas e as forças internas do sujeito, tais como imaginação, a recordação, a criação e o desejo (DELEUZE, 1988, p. 111). A subjetividade é encarada como fruto de uma processualidade destes componentes, e assim, é mutável, não pode ser fixa.

Comprendemos que somente através da combinação da observação participante e entrevistas livres, tal como são propostas pelo método cartográfico, será possível tornar viva a fala destes sujeitos dentro desta pesquisa, em sua mutabilidade, multiplicidade e complexidade.

Acreditamos que com os aportes aqui apresentados seja possível, ainda que de maneira incompleta, a busca pela abertura aos encontros que campo de pesquisa propõe,

pois compreendemos que o campo é em si processo de construção de saberes. É no campo e com o campo que saberes se produzem (ALVAREZ; PASSOS, 2010. p.143).

Como nos diz Luiz Antônio Simas, nos custa admitir que no fim os inventores das cidades são aqueles que vivendo, inventam a vida pelas brechas. São os “sujeitos da história, não objeto dela” (SIMAS, 2020, p. 109): os poetas de rua, cineastas de guerrilha, atrizes e atores do experimento, artistas insubordinados que nos mostram que a Baixada Fluminense pulsa vida onde nos fizeram acreditar que só havia asfalto.

Bibliografia

ALVAREZ, A.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L (org) Pistas do método da cartografia – pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre. Ed. Sulina, 2010.

ALVES, José Cláudio Souza Alves. Dos Barrões ao Extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2020.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70 ; 2011

BARROS, L; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

DELEUZE, G. As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjetivação). In: DELEUZE, G. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativa. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR.

ESPÍNDOLA, T. FRANÇA, H. Aspectos éticos e bioéticos na entrevista em pesquisa: impacto na subjetividade. Revista bioética. 2016; 24 (3): 495-502.

FOUCAULT, M. “O Sujeito e o Poder”. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2º Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GOUVÊA, M. J. M.. Com a palavra mate com angu: uma intervenção estética no município de Duque de Caxias. Dissertação para o Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais - FGV - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2007.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Micropolítica: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.

ONOFRE, Leonardo de Freitas. De dia formiga, de noite na farra: articulações uma Baixada. Dissertação de Mestrado para o Programa em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas - UERJ, 2016.

MANSANO, S. R. V. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. Revista de Psicologia da UNESP, 2010. Link: <http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/139/172>

MATE COM ANGU, Cineclube. Catálogo 10 anos. SESC, 2012.

MONICO, L.; ALFERES, V.; CASTRO, P.; PARREIRA, P. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. 2017. Atas CIAIQ2017. Investigação Qualitativa em Ciências Sociais. Volume 3.

PASSOS, E; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (org) Pistas do método da cartografia – pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre. Ed. Sulina, 2010.

PELBART, Peter P. Vida Capital: Ensaio de Biopolítica. São Paulo, SP. Ed. Iluminuras, 2003.

POZZANA DE BARROS, L; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L (org) Pistas do método da cartografia – pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre. Ed. Sulina, 2010.

SILVA, J. S. Bruxas & Bruxos da Cidade: personagens da revolução do contemporâneo. Rio de Janeiro: Babilônia Cultura Editorial, 2015.

SIMAS, L. A. O Corpo Encantado das Ruas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SPINK, P. K. (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós construcionista. Revista Psicologia & Sociedade, v. 15, n.2, jul/dez, p. 18-42.

SOUZA, Adriana carneiro de. Cineclubismo no Brasil: visões de ontem e perspectivas do contemporâneo. Trabalho de conclusão do curso Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense, 2011.